

Fórum institucional

(04 setembro de 2018)

O luto, a depressão e a melancolia, suas diferenças

Vou aproveitar esse convite para discutir algumas questões que têm sempre retornado, durante esse ano, em relação ao Luto, a Depressão e a Melancolia.

Assim, para tratar destas manifestações que afetam o sujeito de diversas maneiras, embora elas apresentem uma certa convergência na ordem médica, sobretudo, pelo progresso farmacêutico com a oferta de medicamentos, vou procurar desenvolvê-las, considerando o que se mostra numa *psicanálise em intenção*.

Para isso, vou convidá-los a compartilhem de ideias que estão implicadas àquilo que lacan, chegou a comentar, que a “psicanálise é um ato de fé”. Não se trata, como se pode pensar, de uma relação da psicanálise com a religião, mas de uma “fé moderna”, que mantém uma relação com o inconsciente, que mesmo inventado pelo sujeito, é um saber que o determina. Mais ainda, como noções desenvolvidas a partir da importância da linguagem, que se expressa através de um somatório de lalíngua e que toma a dimensão de estrutura para a psicanálise, a partir da escritura da cadeia borromeana, uma condição topológica que atualiza a ex-sistência do sujeito, a cada momento, num efeito de espaço e tempo.

Logo de início, quero desconstruir, um pouco, o título de meu trabalho, para compartilhar noções singulares, de um “*trabalho de luto*”, de uma “*posição depressiva*” e, ainda, da “*devastação de um melancólico*”, como diferentes condições que afetam o Sujeito, no curso de sua ex-sistência. Manifestações que tendem, muitas vezes, a dificultar o trabalho da análise, pelos diferentes efeitos que o “amor a morte” passa a produzir sobre o Sujeito, afetando sua relação com as palavras, assim como, o aparecimento de pensamentos obsessivos que se impõem de uma maneira “feroz”, para que se mate. Isso tende a produzir diferentes “proteções”, através de compulsões e sintomas, manifestações somáticas, diferentes tipos de afeto e, não é raro, que ultrapasse limites e possa produzir, também, “acting-outs”, que tem em sua virtualidade, a possibilidade de “passagens-ao-ato”, com tentativas de suicídio.

Estas condições precisam ser escutadas e acompanhadas na análise, com tolerância e prudência, para possibilitar ao analisante, se recolocar numa outra posição, que possa protegê-lo da satisfação de se matar, do gozo de se matar, que estas manifestações contemplam.

Como referi anteriormente, para tomar partido em relação a estas manifestações, que comprometem o Sujeito, quero considerar certos elementos fundamentais do discurso analítico, a fim de construir uma referência simbólica, para aqueles que também se interessam por este tema.

A psicanálise embora seja única e tenha nascido da medicina, sua eficácia como uma prática discursiva, só ocorre, quando se afasta do discurso médico ou mesmo científico, passando a se relacionar com o campo da linguagem. Assim, a psicanálise passou a ser concebida como um Discurso, como um tipo de laço social, que sob uma condição de transferência, passa a se constituir num dispositivo tipológico, ou mesmo topológico, que vai ligar o lugar do analista, ao lugar do analisante, onde o que importa não é o que é dito pelo analisante, nem mesmo o que se vê, mas aquilo que se fundamenta num **dizer**, que tem uma “*dimensão*” do Real e compromete sempre o Sujeito

Mas de que *Sujeito* se trata? Embora essa pergunta não se coloque estranha em nossa “comunidade analítica”, ele é o resultado de um efeito da linguagem, sobre o humano.

Quando me refiro à **linguagem**, não se trata da linguagem de nossa comunicação, sustentada no signo, ou nos sinais, mas de um sistema que se organiza como uma rede, que mantém uma relação de vizinhança topológica de seus elementos, as letras e os significantes, e que é enriquecida pela polifonia. Lacan a nomeou de *Lalangue*, escrita numa só palavra. Para a tradução do brasileiro, tenho sugerido *Lalíngua*.

Esse efeito da presença de *Lalíngua* sobre o Humano, vai determinar uma passagem da Natureza à Cultura, constituindo um *Ser-de-linguagem-e-de-sexo*, de um *Sujeito dividido* que “perde” sua essência natural e instintiva, para habitar no “coração” da cadeia borromeana. O que perde em sua constituição, esse “pedaço perdido”, adquire para o *Sujeito* o estatuto de “objeto”, de “objeto (a), que vem determinar o preço de um sacrifício que ele terá que pagar, todas as vezes que uma operação simbólica venha a se realizar.

Como um axioma, pode-se dizer que, de um ponto de vista descritivo, lógico e matemático, essa condição languageira, determina sempre a **falta** de um elemento em sua estrutura, constituindo-a com uma incompletude, permanente e irreversível. Para nosso uso, pode-se dizer que se trata de um lugar que guarda uma posição de exterioridade em relação ao próprio *Sujeito*.

O *Sujeito* incorporado pela *cadeia borromeana*, ele será sempre concebido como "outra coisa", que não seu organismo e será representado por elementos discretos, um determinado significante (S1), ou mesmo pelo **Nome Próprio**, que não corresponde ao patronímico, mas a uma referência lógica, que indica sua presença e sua posição na estrutura. Nestas condições, também a representação do corpo que o sustenta, ganha limites diferentes daqueles que a anatomia lhe propõe.

Assim, o **Sujeito do inconsciente** constitui-se numa alteridade radical a outros *Sujeitos*, numa heteridade sempre como um UM, entre outros e, mesmo, não chega a se identificar à imagem que o acompanha; trata-se de um *Sujeito* que se mostra, em “**ato**”, obedecendo a dois cones do tempo, um do passado e um outro do futuro, que o mantém sempre sem saber, o que era antes e o que poderá vir a ser, depois deste ato que o modifica a cada momento. Esse somatório de *Lalíngua* interdita uma suposta relação de harmonia do humano e, por extensão, do *Sujeito* com a natureza, determinando sua condição estrutural como desnaturado e irracional.

Outra condição sutil da psicanálise e de *Lalíngua*, é sobre a **noção de mensagem**. Diferente da linguística, que mantém uma relação entre um emissor e um receptor, para o discurso analítico a mensagem do *Sujeito*, vem sempre dele mesmo, de uma forma invertida. Aqui, ainda, o que importa não é a função da fala, nem mesmo o sentido que as palavras possam ter, mas o que se designa através da materialidade da letra. Dessa maneira, o sentido do que se fala, só acontece depois que o *sujeito* tiver falado e, ainda mais, acontece naquele que o ouve.

Por isso mesmo, o *Sujeito* não corresponde a uma noção comum, que faça parte de qualquer outra área do conhecimento, mas testemunha um desenvolvimento do ensino de Lacan, onde se mostra sempre como portador de uma falta estrutural, como um *sujeito* dividido. Portanto, esse *Sujeito*, na psicanálise, não corresponde a uma pessoa, a um doente, a um ser vido com sua anatomia, fisiologia e bioquímica. Ele passa a ser concebido como uma “**função**”, no próprio sentido matemático do termo e que se fundamenta como um **ser-de-linguagem-e-de-sexo**. Um *Sujeito* que passará a oscilar entre duas “*vias*”:

- uma primeira, em que se satisfaz numa escritura e, por isso mesmo, quando representado por um significante (S1), entre outros, ele passa a se sustentar numa face do Real. Assim, guarda uma

posição ex-cêntrica, em relação à estrutura que o constitui e onde ele habita; dessa maneira, ele é concebido como “**uma resposta do Real**”.

- na outra *via*, ele se presentifica através da fala, deslizando numa rede de letras e significantes, a partir da qual irá inventar o Saber inconsciente (S2), que o determina.

O Sujeito ao ocupar o “coração” da cadeia borromeana, ele sofre efeitos contínuos destes três operadores de leitura, nomeados por Lacan de Real, Simbólico e Imaginário.

Quanto ao **Simbólico**, equivale à própria estrutura da linguagem, injetada de uma polifonia e das diferentes condições que contemplam a cultura, as condições geracionais, efeitos de gozo produzidos por essa estrutura linguageira e, ainda, com a presença do desejo.

No **Imaginário** está inscrito o *Corpo*, como uma “superfície e forma”, tendo que se considerar, ainda, suas imagens e, ainda, a castração imaginária; um lugar, portanto, que mantém, ainda, relações de transitivismo, de prestígio e de domínio, além da alienação do “Eu”, com o semelhante, com o “outro”. Inscreve-se, também, as *paixões do Ser* (amor, ódio e ignorância).

O **Real**, o mais difícil de definir, mas que pode ser apresentado através de uma definição aconceitual, isto é, como aquilo que não é nem Imaginário, nem do Simbólico; dessa maneira, é uma “*dimensão*”, que não pode ser falada, ou vista, e, ainda, como uma dimensão que diz respeito ao *gozo da vida* e ao *gozo da morte*. Só para lembrar, essa noção de gozo, não faz qualquer alusão ao prazer, mas a àquilo que afeta o *Sujeito* e que o movimenta sob uma condição mais próxima ao sofrimento e à dor, e das quais, ele não pode se separar com facilidade. O gozo é um tipo de satisfação que tem no corpo seu lugar de expressão e corresponde a uma resposta sobre a ex-sistência do sujeito, pelo menos no que se refere à expressão de “*gozar da vida*”, ou “*gozar da morte*”.

Como uma consequência desta condição linguageira, o *Sujeito* se mantém, por toda sua ex-sistência, separado dos objetos e do próprio corpo que o sustenta. Por isso mesmo, suas relações, desde as mais precoces, como aquelas da ordem da necessidade e mesmo relacionadas a seu suposto ciclo biológico, àquelas mais complexas, como a escolha de seus objetos, o que está relacionado ao desejo, às suas posições sexuadas, não dependem de qualquer saber instintivo, ou a uma questão relacionada ao organismo, à fisiologia e aos hormônios, mas vão estar implicadas aos efeitos causados pelo próprio somatório de *Lalíngua*, através da *cadeia borromeana*, que o constitui e o determina.

Essa operação realizada por *Lalíngua*, vai determinar uma “**perda**” radical e irreversível, em sua estrutura, que embora possa se metaforizar na “perda dos anexos embrionários”, não é disso que se trata, mas de uma operação que irá produzir esse **Sujeito** marcado por uma “falta a ser”, que nunca se desfaz. Desta maneira, de um ponto de vista estrutural e lógico, o *Sujeito* durante toda sua ex-sistência vai se manter num estado de “ereção”, à procura deste pedaço de que foi mutilado, no ato de sua constituição. Trata-se de uma condição radical e irreversível, já que não corresponde a uma falta disso ou daquilo, mas a uma “**falta de Ser**”.

Este pedaço perdido adquire para a psicanálise a *noção de objeto* e, como referi acima, de um “objeto **causa do desejo**” e de um “**aperitivo de gozo**”. Portanto, esse “objeto”, para a psicanálise se fundamenta num produto que está sempre relacionado com algo que o *Sujeito* perde e que passará a ser denotado pela letra (a) minúscula; um objeto que é cedível e intercambiável, na relação com o Outro, ainda que este grande Outro nem mesmo exista.

Dentro de uma **perspectiva clássica**, existe uma ilusão de que entre o humano e o mundo haja uma relação de cooptação, de conhecimento, que possa determinar uma harmonia e adequação com o objeto, numa relação, até mesmo de “ser a ser”. Com efeito, existem certos dispositivos na cultura

que buscam favorecer esta “suposta harmonia”, como por exemplo, a contemplação do conhecimento proposto pelas ciências, o uso das drogas, as religiões, entre outros.

Como um desdobramento destas questões, para o discurso analítico, o que regula os caminhos de nossa existência não é um **princípio do prazer**, um **hedonismo**, mas algo que está além deste princípio e que se define com o **estatuto do gozo**. A noção de gozo, como falei anteriormente, corresponde a algo que impulsiona o *Sujeito* a repetir atos, que busquem suprir aquela falta estrutural, buscando um encontro com o objeto, que é sempre faltoso.

Diferente destes dispositivos, que Freud chegou a nomear de “**ilusórios**”, a Psicanálise revela uma discordância, uma desarmonia radical na existência do *Sujeito* com seu im-mundo. Nesse movimento que o *Sujeito* faz, para reencontrar esse “objeto perdido”, mesmo que use de várias estratégias, não se importando, muitas vezes, qual o preço que terá de pagar, ou que sacrifício terá que fazer, será sempre um encontro impossível. Não existe nenhum objeto, na natureza, nenhum bem supremo, que possa preencher sua falta; assim, só através da fala, como um elemento de intermediação, o *Sujeito* tentará fazer contornos a este buraco de sua existência.

Tendo feito estas extensões da Psicanálise, gostaria de retomar a proposta que sugeri, com o título dessa apresentação. Assim, para se tratar do trabalho de luto, da Depressão e da Melancolia, propondo, ainda, certos fundamentos da prática analítica.

Nos anos setenta, a estrutura da linguagem que contempla a psicanálise, foi estabelecida, por Lacan, através da *cadeia borromeana*. Essa *estrutura borromeana* que se constitui, como um efeito de *Lalíngua*, incorpora e contamina a existência do **Sujeito**, antes dele ter nascido, ou mesmo, de ter sido concebido.

Trata-se, com efeito, de um *Sujeito* que só se produz, numa psicanálise em intenção, através de “atos”, onde ele é sempre identificado por um significante que o representa (S1), como um “enxame” (“**l’essaim**”) que estará implicado a uma diferente noção de espaço e de tempo, sob uma condição que não lhe assegura, sua identidade de ser de *Sujeito*, mas que revela o valor instantâneo de sua evidência.

A partir de certo momento de seu ensino, Lacan estabeleceu uma homeomorfia, entre o **objeto (a)** e o **sujeito**, inscrevendo-o no “*coração*” da *cadeia borromeana*, onde passa a sofrer os contínuos efeitos destas três dimensões - Real, Simbólico e Imaginário - através de diferentes campos de gozo, convocando-o a se defender destes efeitos, desde cedo, em sua existência.

Em geral, estas três manifestações, em geral, institucionalizadas sob a forma de “**afetos e emoções**”, a partir da ordem médica e, mesmo religiosa, considerando, por exemplo, no budismo, uma tendência a uma “**dor de existir**”, a uma “**dor em estado puro**”, que poderiam harmonizar o *Sujeito*, em sua ex-sistência, Lacan, no final de seu ensino, procurou excluí-los, sobretudo, os **afetos depressivos** e a **tristeza**, destas perspectivas coletivizadoras.

Assim, procurou colocá-los em relação a uma *norma*, que reenvia a um efeito da estrutura e que se constrói em relação àquilo que considerou como um “**bem Dizer**”. Uma condição que estabelece essa relação do *Sujeito* com diferentes tipos de gozo, revelando uma desarmonia, um desacordo com seu im-mundo, com o corpo que o sustenta, com os pensamentos e, mesmo, com o “Eu”.

Com efeito, mesmo que estes “**afetos**” tenham implicações com o funcionamento do corpo, através de palpitações, problemas respiratórios, descargas de adrenalina, alterações cerebrais, entre muitas outras, e ainda, que estejam relacionados à Tristeza, ao “mal humor”, com o entusiasmo, com a alegria, com o riso e a beatitude, eles deixavam de ter o “valor de uma patologia”, para representarem

diferentes efeitos da *cadeia borromeana* e, assim, “**deveriam ser sempre verificados**”, na prática analítica

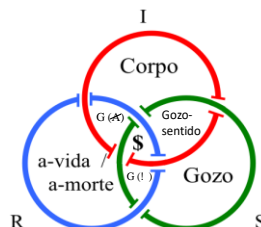
Esta expressão, “**deveriam ser verificados**”, já estava relacionada àquilo que se poderia identificar, ao que é verdadeiro ou falso, em relação aos “os afetos e as emoções”, na análise, desde quando estas manifestações não se apresentam como uma verdade assegurada, pois Freud já afirmava que os “afetos se deslocam”. Assim, Lacan passou a considerar que eles, quando aparecem, na análise, passam sempre “por este corpo, que digo estar afetado apenas pela estrutura... E do que prevalece do inconsciente nesse efeito” (em “Televisão”).

Vou acrescentar, ainda, que eles devem ser verificados e avaliados, a partir de efeitos dos diferentes campos de gozo produzidos, através da *cadeia borromeana* e que se expressam como uma desarmonia, um desacordo entre o *Sujeito* e as relações que ele estabelece com o “objeto”, com a falta do objeto e, mesmo, com o próprio corpo que o sustenta.

Aqui, vou levantar uma hipótese que evoca uma *questão de Fé*. Esta condição topológica da *cadeia borromeana*, se inaugura com “três”, Real, Simbólico e Imaginário, que vai fazer “UM”, sem que haja qualquer enlaçamento dois a dois; assim, esse “triplo”, da estrutura borromeana corresponde a uma condição do Real, que incorpora o Sujeito e interfere na suposição de um *gozo originário e primitivo*, na relação do **Sujeito**, com a natureza, ou com o paraíso. Assim, pelo efeito dessa operação linguageira e topológica, este **gozo originário se transmuda num gozo místico**, equivalente a um “pecado original”, que vai produzir uma “culpa” que afeta o sujeito, de uma maneira permanente, por toda sua ex-sistência. Desta maneira, o “**Sujeito é sempre culpado**”.

Vou insistir, mais uma vez, que esse “**pecado original**” e a “culpa”, só poderão ser inferidos e avaliados a partir de uma *análise em intenção*, quando se presentifica o estatuto de uma Lei, equivalente à “lei do Pai”, que vai possibilitar essa condição do desejo, como uma defesa contra o gozo e, ainda, onde se inclui a questão do espaço e do tempo.

Assim, a partir das relações que o *Sujeito* vai desenvolvendo e que se expressam através desses diferentes campos de gozo, que se presentificam no Imaginário, no Real e no Simbólico, assim como, nas intersecções destas consistências: *gozo fálico* ($G(\Phi)$), entre o Simbólico e o Real, *gozo do Outro*, ou *gozo do Corpo* ($G(\mathcal{A})$), entre o Real e o Imaginário, um *gozo-sentido*, entre o Simbólico e o Imaginário, e, ainda, um *gozo do objeto*, no “coração” da cadeia borromeana. Diante destas condições, o Sujeito é intimado e convocado a repetir, numa busca insistente, isso que o faz sofrer e que o coloca com um consentimento ao “mau”, em relação ao Outro, que nem mesmo existe, ao “outro”, um semelhante, e, sobretudo, em relação a ele mesmo, em busca desse objeto (a), causa do desejo e aperitivo de gozo.



Portanto, a *perda estrutural desse gozo primitivo* constitui-se como causa de uma motivação que transforma o sofrimento, na causa do desejo e nas “*paixões do Ser*” (amor, ódio e ignorância), para se constituírem como defesas secundárias, contra essa condição primitiva e devastadora, que o afeta.

A *cadeia borromeana* concebida como a estrutura da Psicanálise, inscrevendo a presença da morte, da vida, do corpo, do desejo e de diferentes tipos de gozo, entre muitas outras condições, provoca no

Sujeito, um inquietante apetite pela morte, sobretudo pela própria morte, que o intima a repetir seus encontros faltosos com o Real, buscando se encaminhar, sempre, “do mal, ao pior”.

Essa é uma condição que Lacan considerou, a partir do que Freud concebeu como o “superego”, de uma intimação que ordena o **Sujeito** sempre a gozar. Algo que se expressa através de relações paradoxais, que ele mantém como atração, fascinação e intimidade e, ao mesmo tempo, de horror, de estranheza e sideração da morte.

Enlaçado nesse lugar de horror, no “coração” da cadeia borromeana, o *Sujeito* procura se defender, desde cedo, destas condições de gozo, mostradas a partir da escritura da *cadeia borromeana*, de diversas maneiras: através de diferentes manifestações somáticas, como os distúrbios fisiológicos da alimentação, do sono e de alterações respiratórias, com distúrbios da pele, com formação de sintomas, com diferentes manifestações de “afetos”, entre muitas outras condições, até que vá adquirindo a função da fala, que poderá auxiliá-lo, com mais possibilidades, nesse trabalho de se proteger dessa intimação - “goza”.

Lacan quando fez o seminário sobre “A Ética da Psicanálise” (sem. VII), ele fez uma visita a vários momentos da cultura, chamando atenção ao que Hobbes, no séc. XVII, já havia enunciado que “**o homem é o lobo do homem**”. Por isso mesmo, era necessário a existência da Lei, para possibilitar um convívio social adequado entre os seres humanos, pois a agressividade e a maldade do homem, em relação ao semelhante e a ele mesmo, precisavam ser contidas.

No entanto, contrário à essa posição, Rousseau (Jean-Jacques), já no séc. XVIII, passou a fazer parte de uma condição progressista, que foi desenvolvida como uma “**Filosofia das luzes**” (“aufklärung”). Uma tese que contemplava uma convicção, na bondade natural do homem e que se expressava nesse axioma de que “**os homens são bons**”, devendo-se procurar uma felicidade para todos, mesmo com os problemas que pudessem apresentar.

Todavia, mais próximo a nossos tempos e com a Psicanálise, Lacan já tendo feito uma alusão, de início, a Platão, quando afirmou que “**nada é mau de uma maneira espontânea**”. Logo, em seguida, aproximou-se de uma proposta kantiana, em relação a uma “**ética**”, que se desenvolvia a partir de um dispositivo formal, onde a significação moral da conduta não dependeria de resultados externos, mas de uma retidão de propósitos.

Assim, **o comportamento ético é bom**, desde que obedeça à lei, independente dos resultados – “**o homem deve agir não só conforme o dever, mas também por dever**”, já havia afirmado Kant. Em sua “Ética”, no entanto, ele não levava em conta a noção do “objeto”, considerando que a partir da existência do “objeto”, não se poderia estabelecer uma regra universal em relação à ação humana.

Essa idealização da “moralidade” kantiana, no entanto, foi modificada também por Lacan, quando considerou a importância que o “objeto” passaria a ter, em todas estas manifestações que afetam o Sujeito, referindo-se ao que chamou de “**fantasma sadiano**”. Assim, o “objeto” que estava escondido, em Kant, aparece através de Sade, como uma expressão de um direito ao gozo.

Portanto, se para Kant, só se poderia gozar do corpo de outra pessoa, com sua permissão, Sade alterava esta ordem, afirmando que se pode gozar do corpo do outro, mesmo sem sua permissão. Nessa leitura, que Lacan foi fazendo em seu texto, “Kant com Sade”, ele chegou a fazer um acréscimo a esse imperativo sadiano, escrevendo - “você tem o direito de gozar do corpo do outro, sem sua permissão, e até o limite que quiser”, como um direito de liberdade e direito de gozo.

Continuou sua leitura, retomando uma condição que havia sido desenvolvida no séc. XIX, trazendo para a psicanálise, aquilo que se expressava como a “**felicidade no mau**”. Algo que sempre aconteceu

na humanidade e que apareceu, também, através de Baudelaire, quando considerou que não existiam mais “**as Flores do bem**” e que isso permitiria escrever “**As flores do mal**”:

- *eu sou a ferida e a faca!* (je suis la plaie et le couteau!)
- *eu sou a bofetada e o lado da cara que apanha!* (je suis le soufflet et la joue!)
- *eu sou os braços e a roda que tortura,* (je suis les membres et la roue)
- *e a vítima e o carrasco!* (et la victime et le bourreau!)

(Charles Baudelaire, *L'Héautontimorouménos*)

Lacan já procurando implicar a prática analítica a estas questões, levou em conta a importância do “objeto (a)”, que em certo momento de seu ensino, ele chegou a idealizar, como sua invenção, procurando fazer uma intervenção, no trabalho de Freud, quando concebeu que o “mal-estar”, não é algo da cultura, mas da estrutura. Algo que se desenvolve a partir da contaminação que esse somatório de Língua causa no **Sujeito** e que, embora possa dizer, muitas vezes, que é “feliz”, por este efeito da estrutura, “**ele é sempre culpado**”.

Aqui, tendo fundamentado algumas noções da Psicanálise, vou sugerir alguns elementos que venham contemplar o tema que convoca nossa jornada, este ano, o **Luto**, a **Depressão** (por extensão, a **Tristeza**) e, a **Melancolia**; de um ponto de vista estrutural e o que os diferencia.

Em torno destes temas, que contemplam bastante a existência do humano e, por extensão, ao **Sujeito**, existe uma dificuldade de abordá-los, na Psicanálise. Não é excessivo que se possa inferir que, talvez, isso decorra de que eles aparecem, em geral, como condições que, embora, afetem o Sujeito, de diferentes formas, há uma tendência a convertê-los em “**afetos**” e, assim, generalizá-los. Por isso mesmo, ainda que se tenha que levar em conta que “eles se deslocam”, como dizia Freud, e, ainda, obedecendo à leitura de Lacan, eles devem sempre ser **identificados e avaliados**, numa psicanálise em intenção, procurando que se possa identificar, aquilo que os causa.

Sob o efeito destas diferentes condições, o Sujeito fica, muitas vezes, impedido, impotente, ou mesmo, aparecendo como vítima e incapaz de falar sobre estas manifestações, que dificultam, ou mesmo impossibilitam uma avaliação, na análise. Como uma consequência dessa impossibilidade, isso impede que elas sejam, também, abordadas numa psicanálise em extensão.

Como se pode contribuir em torno destas condições que afetam o sujeito, com alguma frequência, no curso de sua existência.

O LUTO

Muitas vezes é possível acompanhar relatos de analisantes que, desde cedo, se queixavam das dificuldades da separação com os pais, de aceitarem as modificações que ocorriam no corpo, em relação à forma e à imagem, ou ainda, sobre a perda de “objetos” que poderiam satisfazer seus “votos”, entre muitas outras condições. Todas elas, impõem a elaboração de algo que ficou identificado como “**lutos obrigatórios**”, para que pudessem suportar estas “perdas” e organizarem seu desenvolvimento e sua existência.

Existem duas perguntas que não param de insistir sobre isso: **luto de qual objeto?**

Não é excessivo se considerar, que para uma criança, esse “objeto” pode fazer semblante da “mãe”, ou do “pai”; mais tarde, pode-se sugerir a importância de um “outro”, de um semelhante”. No entanto, para o **Sujeito**, este ser-de-linguagem-e-de-sexo, que habita na cadeia borromeana e sofre efeitos permanentes de diferentes campos de gozo, o que se pode considerar do que o intima a realizar um **trabalho de luto**, corresponde sempre à perda de um determinado “objeto”, que participa de suas diferentes realidades, embora nem sempre possa ser materializado.

Como esse objeto pode ser materializado? Para desenvolver essa questão, em primeiro lugar, pode-se considerar que o **Sujeito**, muitas vezes, perde “**objetos**” importantes para ele, embora não o suficiente para provocar uma **dor**, que o convoque a fazer um trabalho de **luto**; isso, portanto, é algo sempre misterioso.

Assim, o “objeto” em torno do qual sua perda convoca um “**trabalho de luto**, não guarda qualquer relação com a “necessidade” e, mesmo, não tem qualquer suporte material, pois se trata de um objeto que faz “semblante” e, dessa maneira, toma a forma da **perda de uma pessoa amada**. Alguém que tenha servido de “suporte”, para se manter uma “ilusão”, ou mesmo, que sustente um “fantasma” que atualiza essa condição, de um “**objeto causa do desejo**”, de um desejo sempre inconsciente.

Aqui, no entanto, o que conta, não é só a perda de um objeto que se poderia considerar como “causa do desejo”, mas que aparece sob a forma de um “**semblante de objeto**”, que dá suporte a uma condição hipotética de satisfação, ou melhor, que serve de suporte para contemplar uma produção de gozo, a ser identificado e avaliado, sempre, numa análise em intensão. Trata-se, portanto, da “perda” de um objeto, que traz a ilusão de que poderia satisfazê-lo, de diversas maneiras.

Dito de outra maneira, “**aquilo que se perde**”, tende a aparecer como uma “**falta**”, de algo que se presentifica através da *idealização* de um objeto capaz de produzir uma satisfação suficiente, para o *Sujeito*. Aqui, no entanto, sem saber o que acontece, numa posição “ignorante”, o *Sujeito* começa a se responsabilizar pela perda desse “objeto”.

Tomando como uma condição paradigmática, quando se trata “**da morte de um ser amado**”, o *Sujeito* tende a se **acusar dessa morte acontecida** e desenvolve uma **culpa essencial**, em razão dessa perda. Assim, até mesmo para minimizar essa condição, ele produz um deslocamento, da “**perda do objeto**”, para a busca de algum “traço do objeto perdido”, que ao ser incorporado, nesse **trabalho do luto**, possa produzir uma *identificação* com o objeto que ele perdeu.

Com efeito, a **identificação**, a um ou mais traços, desse “objeto perdido”, traz consequências essenciais para o *Sujeito*, que não só tende a atualizar a presença do que perdeu, como na onda desta “*idealização*”, presentifica-se um outro lado do objeto, que vou chamar de seu “**lado mal**”, realizando uma complexidade de manifestações afetivas, que se expressam através de uma “**ambivalência**”, que pode tomar formas de uma excitação, de uma alegria, ou tristeza, que tendem a enfeitar o luto.

Assim, o que se observa na prática da análise, durante um **trabalho de luto**, que não tem tempo certo para acabar, é de que o *Sujeito* procura encobrir, com as “**paixões do ser**” (amor, ódio e ignorância), o que se pode produzir, em relação ao “**objeto perdido**”, obedecendo a um guia que se mantém presente, no que vem ao pensamento e que ele não pode controlar. Assim, a perda desse “**a-objeto**, sua ausência, tende a promover uma “culpa” por seu desaparecimento, produzindo autoacusações, baixa estima e, sobretudo, com outros efeitos do Real, que vêm determinar pensamentos obsessivos, atos compulsivos, entre muitas outras condições, que se impõem de uma maneira, sem limites, para o **Sujeito**.

Dito de outra maneira, considerando-se a condição da estrutura, na Psicanálise, compartilhada através desta escritura tríplice da *cadeia borromeana*, quando o *Sujeito* procura realizar esse **trabalho do luto**, ele o faz a partir de uma **prevalência do SIMBÓLICO**. Dessa maneira, se certas condições se apresentem para ele, nesse período, com algum sucesso, podem precipitá-lo num quadro depressivo, em que ele pode, até mesmo, “**se fazer morrer**”, através de “atos”, ou mesmo, pelos traços identificatórios que adquire, se perdendo no tempo, sem conseguir realizar esse trabalho por muitos anos.

A DEPRESSÃO

A noção contemporânea da **Depressão** se formalizou, de alguma maneira, a partir da metade do Sec. XX, tendo como suporte a descoberta dos “eletrochoques” e dos antidepressivos.

A **Depressão** é um tipo de “afeto”, que pode estar próximo a nosso “humor normal” e que tende, muitas vezes, a aparecer implicada a uma “**falta**”, a uma **culpa**, ou ainda, acompanhada de uma “**menos valia**” que, em geral, segue a perda de uma posição idealizada.

O problema, portanto, é o que causa a “**Depressão**”? Em geral, além do *Sujeito* se manter ignorante de um determinado Saber, nessa condição, atualiza-se a presença de um “**afeto**”, que tende a se mostrar através de um **desinvestimento radical**, em relação à *vontade*, de elaborar uma crença de que *não é amado*, de que é *rejeitado*, *excluído*, ou mesmo, de não se movimentar à procura de *realizar diferentes ações*, até mesmo, em busca do objeto causa do desejo.

Uma condição que Lacan aproximou da **Tristeza**, que embora tenha sido concebida como algo de uma “natureza orgânica”, Lacan a aproximou do que Dante havia referido, como uma “*falta moral*” e, ainda, como um “*pecado*”; mais ainda, com a importância atribuída ao somatório de Lalíngua, veio a considerá-la como uma “*dor moral*” e, mais tarde, veio nomeá-la de “**covardia moral**”. Todavia, não se trata de uma questão “ética”, mas de algo que afeta o *Sujeito*, no pensamento e, sobretudo, no corpo que sustenta o *Sujeito*, devendo “ser verificada”, numa análise em intensão, quando procura se mostrar através de diferentes “*figuras da morte*”, ou mesmo, de poder “*gozar da morte*”.

Assim, pelos efeitos que essa condição **depressiva** produz sobre o *Corpo que sustenta o Sujeito* e, no pensamento, vou considerar que ela guarda um **privilégio do IMAGINÁRIO**. Como tal, implica um efeito sobre o corpo, como um lugar, onde o **Simbólico** produz, também, marcas significantes e efeitos sobre a *hystória do Sujeito*, sobre o desejo e que, além disso, é um lugar onde ocorrem, também, efeitos do **Real**, determinando diferentes tipos de gozo.

Dito de outra maneira, estas condições que se inscrevem e que se mostram através da *cadeia borromeana*, repercutem sobre o *Sujeito*, numa **posição depressiva**, vou retirar o termo “**Depressão**”, produzindo um tipo de **impotência**, que o convoca a ser um espectador ou uma vítima, desse afeto, do qual não pode dizer muita coisa, por um empobrecimento simbólico. Essa condição, determina a presença de *uma imagem desvalorizada do corpo*, que o leva, também, a produzir queixas de uma baixa estima do “eu”, capaz de levar a um processo de “*despersonalização*”, que embora não seja um significante rigoroso, é descritivo.

Não se pode, também, deixar de levar em conta, a presença de **efeitos do Real**, que afetam o **sujeito** através de diferentes tipos de gozo, que podem convocá-lo a produzir, muitas vezes, *escarificações* e *automutilações*, podendo levá-lo a uma posição que, de uma maneira, também, descritiva, pode parecer “*masoquista*”, identificando-se com um “objeto”, em que “*se faz rejeitar*”, ou mesmo, “*se faz maltratar*”.

Com efeito, nessa **condição depressiva** e, ainda, enriquecida pela “**tristeza**”, o *Sujeito* é muitas vezes ocupado por pensamentos obsessivos, para que se mate. Nestes casos, para se se proteger destas convocações de gozo, ele desenvolve compulsões, sintomas e outras manifestações, correndo sempre o risco de ultrapassar um limite, que possa levá-lo a realizar “**acting-outs**”, que têm em sua virtualidade, a possibilidade de chegar a uma condição mais radical, de uma “**passagem-ao-ato**”, para alcançar o sucesso de um “ato bem realizado”, de um acontecimento carregado de uma emoção suprema, muitas vezes silenciosa e que se realiza com um suicídio.

Não é excessivo se considerar que embora, em geral, o *Sujeito* tenda sempre retardar os limites da vida, seu encontro inexorável com o mestre supremo e absoluto que é a morte, estabelece com o

Outro, que nem mesmo existe, uma “aposta”, com diferentes formas de gozo, que correspondem às próprias encruzilhadas da vida, já que a vida só quer morrer. Nessa sua aposta, o *Sujeito* busca fazer sacrifícios, cada vez mais radicais, com elementos do *Imaginário*, através do corpo que o sustenta, já que o preço *simbólico* que vem pagando, muitas vezes não é suficiente para recolocá-lo no campo do desejo, de um desejo do Outro, que nem mesmo existe, mas que o protege do gozo da morte, que se inscreve no *Real*.

Assim, o *Sujeito* oferece a esse suposto Outro, aspectos parciais ou limitados de gozo, através de seus sintomas, com a produção de dores, em colapsos que podem metaforizar pequenas “mortes”, na oferta de pedaços do corpo, ou até mesmo de uma maneira radical, quando o faz com o próprio cadáver, inscrevendo-os como um apelo ao Outro, em busca de que este último ato, que pode se consagrar com a morte, possa reconduzi-lo a “se fazer” um objeto de causa do desejo do Outro, encontrando uma forma de “se fazer gozar”, mesmo com a morte.

É preciso, portanto, observar cada caso, pois a trama significativa que se desfaz, provocando o “ato suicida”, corresponde sempre a uma condição singular do *Sujeito* e que deve ser considerado como uma impressão digital. Todavia, aqui, também como uma extensão deste f(ato) privado, não se deve fazer um escotoma para certos fenômenos sociais, em que a mídia contribui bastante com isso, para que um “ato suicida” possibilite a produção de identificações imaginárias, capazes de provocar suicídios subsequentes.

Assim, também, a **noção da morte** não deve ser considerada, na *prática analítica*, como uma caducidade que interrompe o fio da vida, mas de que ela está implicada a “*um ato de fé*”, como algo do “*domínio da fé*”, em que é preciso se crer nisso, “que se vai morrer, para que se possa suportar a vida”. Portanto, só quando o *Sujeito* tem a certeza de seu fim, é que pode suportar o “insustentável peso de ser” e, dessa maneira, poder adquirir essa condição de “gozar à vida”, sem a morte.

Nestes casos, quando ocorre um fracasso, na busca da realização de um “ato suicida”, o que, em geral, se mostra, são traços identificatório de um “outro”, de um “semelhante”, que estava presente num fantasma **homicida**. Em segundo lugar, a busca de uma condição que expresse um valor simbólico, muitas vezes procurando se fazer desaparecer, para que através deste “ato”, possa se inscrever nos termos de sua ex-sistência, num lugar além da própria vida e que, assim, possa se eternizar.

A MELANCOLIA

Se o *Sujeito* sob essa **condição depressiva** tem, na análise, um impedimento em relação ao seu “bem-dizer”, numa condição de “**melancólico**”, ele desenvolve uma outra crença, que vou incluir como pseudo delirante, para recusar esse somatório de lalíngua, que o constitui.

Com efeito, se *Sujeito*, numa **posição depressiva**, se olha e se veste como um “objeto”, para “*gozar e se fazer gozar*”, quando ele se mostra **melancólico**, diferente do que Freud chegou a considerar, como uma “neurose narcísica” e especificada através de um conflito entre o “eu e o supereu”, o que talvez se possa inferir, é que ele se identifica a um “objeto”, o objeto (a), no “coração” da cadeia borromeana, que sem contornos e passando “através de sua própria imagem” (sem. X, 3/07/63), a infestar seu im-mundo, com sujeira e “culpa”, é impulsionado a cumprir esse função essencial do “objeto”, que é de se deixar cair, ou mesmo, de se jogar num “buraco”, como Empédocles fez, no Etna. Destituído de qualquer cobertura de semblante de objeto, ele cumpre “essa não função do objeto” (a), realizando nessa condição melancólica, um **predomínio do REAL**.

Em geral, nessa posição de um **melancólico**, quando o sujeito se crê excluído de qualquer referência do Simbólico e de qualquer “superfície ou forma” que possa ser atribuída, ao Imaginário, ele experimenta uma condição exacerbada de gozo, quando se experimenta como um “**a-bjeto**”, ocupando de uma maneira sofrida, o coração da cadeia borromeana; sob essa condição, ele só pode

se vestir de “cadáver”, que o convida à morte. Com efeito, o “se deixar cair”, ou “se jogar”, deve ser concebido como uma metáfora, para qualquer outra forma de suicídio.

Um comentário que pode ser produzido como um paradoxo, pois essa “não função de (a)” que se mostra presente e contemplada, no “**sujeito melancólico**”, o coloca excluído de qualquer referência fálica. Essa condição o convoca, através de um imperativo de gozo, onde a função fálica fracassa, àquilo que corresponde a um “gozo do Corpo”, numa condição exacerbada. Essa condição, portanto, permite inferir um **efeito do Real**, que ele experimenta sem contornos, sem limites possíveis do simbólico, do imaginário e, mesmo, dessa dimensão duplicada do real, como aparece na cadeia borromeana.

Uma condição que se pode considerar, ainda, talvez mais grave, é quando o *Sujeito* se mantém numa **posição maníaca** e é invadido por pensamentos e palavras, fora de uma ordem lógica, que o mantém excluído de uma referência simbólica. Essa “**excitação maníaca**”, que retorna no Real, como o que tem sido rejeitado nesse somatório de lalíngua, faz disso um impulso à morte e que Lacan chegou a nomear, para ambas posições, do **melancólico** e **maníaco**, como um “**suicídio do objeto**”.

Aqui, no entanto, para ir finalizando, gostaria de colocar uma questão que me parece essencial, pois desde que a psicanálise axiomatiza que “o significante é a morte da Coisa”, isso deve convocar o analista a investir com uma garantia, no *Sujeito*, para que ele possa ultrapassar os limites que estão instituídos, em sua ex-sistência. Ainda que a psicanálise implique o *Sujeito*, na cadeia borromeana, com a *vida*, com *morte*, com o *corpo*, com o *desejo*, com *diferentes tipos de gozo*, entre muitas outras condições, e que o convoca a um inquietante apetite pela morte, que se expressa nas relações paradoxais, que cada um mantém com ela: de atração, fascinação, intimidade e, ao mesmo tempo, de horror, de estranheza e de sideração, é uma função do analista, convocá-lo a falar, pois, assim, todas as vezes que ele se realizar em “ato”, como um *sujeito do inconsciente*, já o faz mortificado pelo significante que o representa.

Assim, consequência desse fato é que essa presença do significante que o representa, como um “enxame” (“l’essaim”), vá aos poucos, incluindo-o na estrutura, como um ser-de-linguagem-e-de-sexo e, isso, poderá fazê-lo viver.

Vou finalizar por hoje, agradecendo a oportunidade de comentar mais algumas questões sobre o tema de nossa jornada, do final do ano

. Obrigado.